

## APRESENTAÇÃO

Este número da REALIS sobre Gênero, Sexualidade e Pós-colonialidade foi concebido a partir de algumas discussões fomentadas pela entrada de Gustavo Gomes da Costa Santos no NESG (Núcleo sobre Epistemologias do Sul Global) e da consequente constatação da importância de dedicar uma edição da revista a estas temáticas específicas, cujas interfaces são, nas contemporaneidades latino-americanas, tão pertinentes, quanto pouco articuladas, do ponto de vista dos diálogos interacadêmicos e interinstitucionais. Trata-se do sétimo número desta que é uma revista que vem sendo reconhecida nacional e internacionalmente, principalmente pelo cerne epistemológico que circunscreve o seu trabalho editorial, isto é, o antiutilitarismo e a pós-colonialidade. Gostaríamos de agradecer a todos e todas que contribuíram para a consecução deste número: autores, editores, pareceristas, secretário administrativo e colaboradores acadêmicos.

Concedemos especial agradecimento à ONG barcelonesa Associação Grupo de amigos gays, lésbicas, transexuais e bissexuais (GAG), que gentilmente nos concedeu os direitos de utilização da imagem que ilustra a capa deste número, “Beso de barro y fuego” de Luis Calle. A escolha desta fotografia se deu pela sua coerência com as preocupações analíticas e reflexivas presentes nos artigos. Vemos que esta imagem abre espaço para diversas interpretações ao retratar uma demonstração de afeto entre duas pessoas cujas identidades de gênero propositalmente não são claramente definidas. Isso reflete bem as intenções analíticas de perceber e refletir sobre tais identidades a partir de perspectivas não dicotômicas e nem compartimentalizadas.

Este número da REALIS pretende aprofundar o debate em torno do pós-colonial, tendo como eixos norteadores das reflexões as dimensões do gênero e da sexualidade, considerando, obviamente, que embora constituam categorias analíticas distintas, em muitos casos apresentam diálogos, hibridismos e concatenações que enfraqueceriam análises que considerassem tais dimensões de forma compartimentalizada, dicotômica. Esta constitui uma edição trilingue, com textos em português, em castelhano e em francês. Com relação às nacionalidades das/os autoras/es, recebemos valiosas contribuições da América Latina, da África e da Europa.

O debate inicia com o texto de **Gustavo Gomes da Costa Santos** e **Marcos de Araújo Silva** intitulado “Gênero, Sexualidade e Pós-colonialidade: apontamentos para uma agenda de pesquisa” que, como o título sugere, expõe ideias, problemáticas e perspectivas que, na opinião dos autores, são importantes para futuras investigações dessa vertente

epistemológica. O texto considera que estas citadas interfaces, nas heterogêneas realidades latino-americanas contemporâneas, são circunscritas não apenas por dimensões científico-acadêmicas, mas também políticas, já que seus escrutínios, reflexões e resultados costumam ser considerados na formulação de políticas públicas, dos debates acadêmicos e de variadas iniciativas de mobilização social.

Em seguida, temos o texto de **Sylvie Malsan** intitulado “Dette et (in)dépendance des femmes dans un contexte migratoire” que analisa o fenômeno da migração feminina e do tráfico internacional de mulheres. Com base na análise de documentos etnográficos, a autora investiga as redes sociais, as conjunturas políticas e os elementos simbólicos e culturais presentes no cotidiano laboral e nas estratégias de sobrevivência de grupos de mulheres latino-americanas, africanas, asiáticas e oriundas do leste europeu que, de maneira autônoma ou em contextos que envolvem lenocínio, se prostituem no território francês. O texto contempla não apenas os aspectos de colonialidade e imperialismo que perpassam esta problemática dos mercados sexuais e condicionam suas conjunturas específicas de poder, como também analisa as ações de resistência social que são articuladas para enfrentar tais imperativos econômicos e geopolíticos.

**Ximena Ron Erráez**, por sua vez, discute como, epistemologicamente, seria possível articular mecanismos para visibilizar certas realidades de mulheres latino-americanas “excluídas” ou consideradas “inexistentes”, no intuito de que as narrativas que são construídas sobre elas contemplem, de maneira simétrica e dialógica, as vozes das mesmas ou que seja por elas próprias estruturadas. Seu texto “¿Pueden los feminismos poscoloniales comprender las realidades de las mujeres indígenas?” possui o mérito de discutir as teorias de Chandra Talpade Mohanty, Oyeronke Oyewumi e Aída Hernández, três feministas pós-coloniais e ativistas oriundas de diferenciados contextos socioculturais, com o intuito de confrontá-las, promover uma “troca amistosa de teorias, conhecimentos e experiências” e, com isso, perceber seus elementos de similaridades, descontinuidades, permanências e diferenças.

“Race, Genre et sexualité” é um texto escrito por **Lenita Perrier** que examina os processos de identificação e representação que fazem parte das experiências de mulheres brasileiras negras e mestiças que emigraram do Brasil para a capital francesa. Com base em pesquisas de campo, a autora reflete sobre os processos relacionais e as dinâmicas interculturais que, dinamicamente, circunscrevem as esferas do gênero e da sexualidade nesta realidade social, na qual as fronteiras identitárias transnacionais resignificam e redimensionam preconceitos e estereótipos nacionais prévios. O artigo propõe que diante de

sistemáticos processos de estigmatização racial, sexual e de gênero, estas mulheres imigrantes lutam para redefinir e contrariar os sentimentos de vitimização e procuram articular novos parâmetros de integração social e de identificações pessoais e coletivas.

O instigante artigo de **Emanuely Arco Iris Silva** e **Allene Carvalho Lage**, “É possível democratizar a Ciência?”, analisa como, numa perspectiva feminista, a “ciência” hegemônica, colonial, branca e sexista pode contribuir para construção de “outras ciências”, que sejam ancoradas em perspectivas não-sexistas, “não-androcênicas”, nem tampouco coloniais e que, conseqüentemente, sejam efetivamente democráticas. Pautadas em uma rica pesquisa bibliográfica que teve como base o percurso histórico da instauração da noção de “modernidade” nas trajetórias de grupos de mulheres latino-americanas e de alguns movimentos feministas, as autoras promovem uma reflexividade crítica do pensamento teórico de Boaventura de Sousa Santos, Walter Mignolo, Helen Longino, Guacira Lopes Louro, Magdalena Valdivieso, Sandra Harding e Edgar Lander, entre outros/as. O texto conclui que, apesar dos esforços epistemológicos já empreendidos, é imprescindível aprimorar os instrumentos analíticos e reflexivos de luta contra as contemporâneas estruturas coloniais de poder e de hierarquização do conhecimento científico em virtude do gênero e da sexualidade.

Reforçando o caráter internacionalizado deste número, temos o artigo de **Alfonso Ruiz Núñez** intitulado “Entre la reproducción y la resistencia. Decolonialidad y despatriarcalización a través de la construcción de identidades en el interior de la familia” e de Vulca Fidolini “L’honneur comme enjeu interethnique. La construction de la masculinité par la réaffirmation de l’altérité imposée”. O primeiro propõe que qualquer projeto de decolonialidade necessita desconstruir as categorias mais básicas da dominação social, que o modelo patriarcal é o primeiro elemento do pensamento colonial e que, por conseguinte, qualquer projeto neste intento deve partir da despatriarcalização do modelo sociocultural dominante. Já o segundo artigo, baseado em pesquisas etnográficas, propõe uma reinterpretação das noções de honra e masculinidade tendo como referência empírica as relações interculturais que fazem parte dos cotidianos de jovens imigrantes marroquinos que vivem na França e na Itália.

Encerrando este número temático, temos os artigos de **Marcos de Araújo Silva**, “Xenofobia, pós-colonialidade e homonacionalismo no Sul da Europa” e “Autonomia, risco e sexualidade”, escrito por **Camila Pimentel**, **Laís Rodrigues**, **Elaine Müller** e **Mariana Portella**. O primeiro reflete acerca do crescente fenômeno do conservadorismo social e

político entre parte significativa das heterogêneas populações LGBTs da Europa. O autor investiga, com base em pesquisas etnográficas, os discursos de políticos/as abertamente gays e lésbicas que instrumentalizam temores de partes do segmento LGBT da população catalã no intuito de que estes grupos sociais apoiem suas ideologias racistas e xenófobas. As reflexões apresentadas visam perceber como o homonacionalismo está sendo difundido, interpretado, defendido e contestado na Catalunha. Já o segundo artigo investiga o movimento de humanização do parto a partir das noções de risco, sexualidade e autonomia e também da perspectiva pós-colonial e propõe que as novas tessituras sociais que contestam as lógicas produtivistas e valorizam as experiências de parturição enquanto possíveis marcadores de redefinições descoloniais do ser.

Na última parte desse número, dedicada aos textos recebidos em regime de “fluxo contínuo”, temos os interessantes artigos de **Ana Patricia Quintana Ramírez**, "En la gestion colectiva el agua se dona, no se vende. Caso dos quebradas-risaralda, Colombia" e também o de **Sebastião Marques Cardoso**, “História, narração e mestiçagem no romance de Abdulai Sila: uma leitura de ‘A última tragédia’”. Acreditamos que se trata de um número rico e instigante, tanto em termos de apresentação de premissas epistemológicas, quanto de aprofundamento e atualização de questões analíticas que podemos caracterizar de “clássicas” nas áreas do gênero, da sexualidade e da pós-colonialidade.

Recife, setembro de 2014

Gustavo Gomes da Costa Santos  
Marcos de Araújo Silva